



Organizar as campanhas salariais!

Defender as reivindicações mais sentidas, com DEMOCRACIA OPERÁRIA e o método da AÇÃO DIRETA!

As campanhas salariais devem ser o momento de unidade das categorias e mesmo entre diferentes categorias, para lutar por meio da mobilização ao redor das reivindicações comuns.

No entanto, as direções sindicais burocratizadas e governistas não impulsionarão uma campanha salarial que levante as reivindicações mais sentidas, expressando a democracia operária, com assembleias, mobilizações e manifestações de rua. Fazem o oposto: impõem, ao conjunto das categorias, as demandas patronais e governamentais, por meio das negociações em forma de farsa e das vias jurídico-parlamentares.

Uma verdadeira campanha salarial de luta se organiza a partir das mais sentidas reivindicações dos assalariados. A partir do levantamento das reais necessidades das massas, a direção deve buscar a unificação delas ao redor de uma plataforma de reivindicações, e esta deve ser propagandeada ao máximo possível como o elemento de unidade na classe.

A assembleia geral é então convocada para discutir e aprovar as reivindicações, os métodos de luta para conquistá-las, e as formas organizativas correspondentes e necessárias para impulsionar a mobilização unitária (comandos de greve, de negociação, fundo de greve, etc.). Todas as instâncias do sindicato, bem como todas as formas organizativas criadas para a campanha salarial, devem estar subordinadas à assembleia geral, que é soberana em suas decisões.

Cada negociação deve ser preparada pela assembleia geral e as formas organizativas que ela cria. Nas negociações, os indicados pela assembleia geral devem apenas defender as reivindicações discutidas e aprovadas coletivamente, jamais rebaixando-as em busca de acordos, e obter as propostas da parte patronal.

As campanhas salariais podem e devem buscar a mais ampla unidade, inclusive entre categorias distintas. Em 1985, em São Paulo, por exemplo,

houve uma campanha salarial unificada entre diversas categorias. O Sindicato Metalúrgico era dirigido, como hoje, por uma burocracia direitista, que jamais concordaria em fazer uma campanha salarial unificada. Mas nas fábricas existia uma forte organização da oposição metalúrgica, que realizou uma intensa campanha de unificação das campanhas salariais junto a outras categorias, diretamente nas fábricas e desconhecendo a direção burocrática, e ela aconteceu e obrigou a negociações conjuntas, e a uma greve e manifestações de rua unificadas.

A experiência histórica mostra que é possível organizar campanhas salariais de luta e unificadas. Mas, as direções romperam com ela e avançaram na subordinação ao patronato e seus interesses. **Assim, está colocada a tarefa dos operários conscientes, das oposições sindicais combativas, de impulsionar as campanhas salariais para discutir e aprovar as reivindicações e os métodos de luta para conquistá-las!** ●

Segundo o Dieese o salário mínimo deveria ser R\$ 6.996,36

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) divulgou no início de março o resultado do seu estudo mensal de Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, no qual definiu que o salário mínimo em feverei-

ro de 2024, para uma família de quatro pessoas, considerando os gastos básicos com alimentação, moradia, educação, saúde, transporte, etc. deveria ser R\$ 6.996,36.

O contraste com o salário mínimo nacional de R\$ 1.412,00 salta aos olhos,

já que é quase cinco vezes menor do que o montante apontado pelo Dieese. Essa diferença se manifesta concretamente como redução do poder de compra dos salários e aumento da miséria entre os assalariados.

O Boletim Operário In-

ternacionalista defende a reivindicação do salário mínimo vital, que deve ser aprovada pelos operários em assembleia, que seja capaz de garantir a manutenção com dignidade a uma família durante todo o mês! ●

PALESTINA

Pela derrota do sionismo e do imperialismo

UCRÂNIA

Derrota militar da OTAN e o imperialismo

Toyota anuncia o fechamento da fábrica em Indaiatuba

A multinacional japonesa Toyota divulgou no início de março um plano de "reestruturação", que fechará a unidade de Indaiatuba (SP). Segundo o anúncio, a produção da unidade de Indaiatuba será incorporada pela fábrica de Sorocaba, bem como os 1.500 operários. O início da transferência da produção deve ocorrer em meados de 2025, e concluir até o final de 2026.

O governo federal comemorou os

investimentos bilionários anunciados pela montadora para os próximos anos, enquanto o governo municipal de Indaiatuba defendeu que ao menos a Toyota continue comprando os insumos de fornecedores do município. Como se vê, trata-se de mais um plano de "reestruturação", definido no exterior, que não encontrará nenhuma resistência dos governos burgueses de plantão (federal, estadual e municipal) para ser

implementado.

No entanto, é dever dos operários e do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região levantar a luta pelo não fechamento da unidade em Indaiatuba. Para isto, é necessário iniciar uma ampla mobilização, com assembleias, manifestações, greve e ocupação de fábrica, tomando todas as medidas necessárias para impedir o fechamento da unidade e o consequente desemprego!

NÃO ACREDITAR NAS PROMESSAS ELEITORAIS, mas na própria força da classe operária

 Este ano haverá eleições municipais. Todos os partidos burgueses e pequeno-burgueses, que atuam nos sindicatos e movimentos sociais, tentarão convencer os operários de que votando neste ou naquele candidato ses conquistarão esta ou aquela vantagem. O cretinismo parlamentar está escan-

carado. Há décadas, a burocracia eleitoreira ao menos mobilizava as categorias por suas reivindicações e fazia o vínculo com o eleitoralismo. Hoje em dia, abandonaram a defesa até mesmo em palavras das reivindicações, restou apenas o eleitoralismo barato!

A experiência histórica demonstra, no entanto,

que o fundamental para o avanço de conquistas trabalhistas e sociais é o avanço da própria organização com independência de classe dos explorados e oprimidos. A realização de reuniões, assembleias, manifestações, greves, etc. é o método para organizar a luta pelas reivindicações, qualquer que seja o governo de plantão.

Abaixo as ilusões eleitoreiras! Confiar na própria força da classe operária organizada com independência de classe! Conquistar nossas reivindicações com a ação direta!



Dia 08 de março, dia Internacional da Mulher Trabalhadora!

 O Dia Internacional da Mulher Trabalhadora deste ano foi marcado a sangue pela situação das mulheres palestinas. Desde o início da ofensiva do Estado genocida de Israel sobre a Faixa de Gaza, já são mais de 9.000 mulheres mortas. Isso sem falar na morte de seus filhos, amputações de membros, estupros, prisões, tortura, expulsão e destruição de suas casas, etc.

No Brasil, o ano de 2023 registrou recorde de casos de feminicídio: foram 1.463 casos, quase 4 por dia. Além disso, aumentaram os casos de estupros,

discriminações no trabalho e quase todas as formas de discriminação contra a mulher. Mesmo o direito limitado ao aborto no Brasil (em caso de estupro, risco à mãe e feto anencéfalo) é ameaçado por projetos de leis reacionários no Congresso Nacional.

A violência contra as mulheres avança no mundo e no Brasil porque avança a decomposição do capitalismo mundial. Um modo de produção em decadência só pode ofertar mais violência para os explorados e oprimidos.

A classe operária não pode ficar alheia ao problema da opressão so-

bre a mulher. Deve se colocar contra a opressão às mulheres e sair em defesa de suas reivindicações específicas, como direito irrestrito ao aborto, salário igual trabalho igual, proteção integral à maternidade, universalização das creches, etc! Bem como se colocar pela derrota militar do sionismo/imperialismo na Palestina, ruptura total de quaisquer relações com Israel e o bloqueio do envio de qualquer mercadoria ou serviço que possa ajudar os genocidas no Oriente Médio, por meio de greves, ocupações e bloqueios.

